

## A palavra reapropriada: o processo da escritura na obra de Nicole Brossard

Nicole Brossard: *Essays on Her Works*.

FORSYTH, Louise H. (ed.)

Toronto: Guernica, 2005. 255 p. (coll. Writers Series).

O lançamento recente, em língua inglesa, de ensaios críticos sobre a obra da escritora quebequense Nicole Brossard, uma compilação criteriosa realizada por Louise H. Forsyth, professora emérita e pesquisadora da Universidade de Saskatchewan atuando há vários anos na área de *Women's and Gender Studies*, veio preencher uma lacuna que se fazia sentir já há algum tempo: reunir, em um único volume, diferentes vozes da crítica literária feminista enfocando as várias faces da produção e a trajetória dessa escritora.

Nicole Brossard nasceu em Montreal, em 1945. Durante os anos 60, época da *Revolução Tranquila*, movimento que pretendeu transformar todas as dimensões da sociedade quebequense, suas palavras de ordem eram ruptura, transgressão, desejo, exploração. Queria, antes de tudo, deixar para trás o passado de um Quebec católico e puritano que havia prevalecido até então e, em segundo lugar, compreender a alienação do povo quebequense. Na base dessa mudança estavam a linguagem e a sexualidade: esses constituiriam, mais tarde, os dois eixos que passariam a mover seu texto. O processo da escritura passará a ser visto como campo de pesquisa e como gerador de uma linguagem nova: a consciência feminista, como campo de ação e como possibilidade de transformação.

Se essas duas linhas trabalham juntas no texto brossardiano, também estão ligadas a um aspecto que, de um modo geral, não passa despercebido quando o assunto é o Quebec; estamos nos referindo ao caminho que começa pela busca da identidade. Ao longo desse caminho, dois momentos se destacam: o período que antecede e o que se segue à década de 1970. Se, nos seus primórdios, o texto quebequense via-se mais voltado para si próprio, ao fim dos anos 70 a reflexão e a ficção identitária serão afetadas pela irrupção do heterogêneo; no caso do Quebec, esse heterogêneo será representado tanto pelo discurso nacionalista (leia-se separatista) e pela escritura migrante, como pela escritura "no feminino". Assim, o texto "no feminino" e o discurso feminista serão introduzidos na literatura quebequense pela brecha do heterogêneo. Integrando ao mesmo tempo esses dois campos de interesse, a linguagem e os valores feministas, Nicole Brossard irá moldá-los a sua maneira, passando a ocupar um espaço textual único, singular. Havendo produzido mais de vinte coletâneas de poesia, nove romances e inúmeros trabalhos teóricos e críticos, sua obra é hoje uma referência incontornável na área dos estudos literários e de gênero.

Havendo participado ativamente do projeto da escritura "no feminino", projeto esse inscrito no Quebec notadamente no período que vai de 1975 a 1982, Brossard conferiu a sua obra um status em que a intuição espacial ocupa um lugar bastante particular: observa-se aí uma tensão permanente entre o "lá" e o "aqui", entre o "dentro" e o "fora". Essa tensão é, antes de tudo, um sinal evidente do jogo inclusão *versus* exclusão que se instala no discurso, representado pelo desejo de inserir um sujeito feminino na linguagem patriarcal, mas também, e sobretudo, um sinal maior da energia inerente à linguagem e ao processo da escritura.

O presente livro de ensaios críticos oferece, além de poemas inéditos de Brossard, trechos de

---

uma entrevista realizada por Louise Forsyth com a escritora em fevereiro de 2003, ocasião em que foram abordados os temas mais variados, como a criatividade, o processo da escritura, a literatura, a poesia, o corpo feminino, os personagens, a cumplicidade, a cidade de Montreal e muitos outros. A essa entrevista, seguem-se onze ensaios realizados por especialistas; são pesquisadoras, tradutoras, escritoras, todas elas profundas conhecedoras do texto brossardiano: Louise H. Forsyth (University of Saskatchewan), Karen S. McPherson (University of Oregon), Alice A. Parker (University of Alabama), Louise Dupré (Université du Québec à Montréal), Claudine Potvin (University of Alberta), Katharine Conley (Dartmouth College), Catherine Campbell (Bishop's University), Susan Knutson (Université Sainte-Anne), Susan Holbrook (University of Windsor), Barbara Godard (York University) e Lynette Hunter (University of Leeds and University of California, Davis). Após esses ensaios críticos, o leitor encontra uma lista completa de todos os títulos publicados pela escritora, nos domínios da poesia, ficção, ensaios teóricos, teatro, antologias e cinema. Finalmente, uma listagem detalhada, porém não exaustiva, dos trabalhos já realizados sobre a obra brossardiana. Tem-se assim, à mão, um recurso de grande valor didático, uma preciosa fonte de consulta em uma única peça, o que nem sempre é o caso.

Como bem afirma a organizadora, todos os ensaios desse volume enfocam, de diferentes formas, o ponto vital do trabalho de Brossard, que é a palavra e o processo escritural. Cada um revela, nas palavras de Louise Forsyth, a inovação radical e apaixonada na sua forma de abordar a linguagem, em todas as suas funções. Cada um dos ensaios reconhece que as palavras, em Brossard, trazem consigo um enorme potencial de trabalho conjunto, reinventando a realidade, o conhecimento e cada ser humano. Cada

ensaio, continua a pesquisadora, chama a atenção para o fato de que escrever a frase *je suis une femme* é um ato pleno de conseqüências.

O texto apresentado na contracapa convida-nos a descobrir – ou, se for o caso, a melhor conhecer – esse recanto do imaginário feminino: “sensuais e envolventes, as palavras simples de Nicole Brossard penetram de uma forma inesperada na mente dos leitores, transformando, para melhor, o significado do ‘eu’ e da realidade. Criando tropos, seja a partir das experiências veladas femininas, seja tendo como ponto de partida a ciência avançada, as tradições filosóficas e literárias, a devastação política que acontece pelo mundo afora, a autora vem revolucionando conceitos do ser e do conhecimento humanos, desafiando a suposta capacidade daqueles que têm abusado do poder há mais de três décadas”. Esse convite nos estimula a repensar um mundo novo, forjado por uma nova palavra, mundo tantas vezes criado e recriado, mundo a ser novamente refeito, tantas e quantas vezes existirem vozes capazes de se exprimir “no feminino”, tantas e quantas vezes essas falas forem capazes de ser transformadas em texto. Para Brossard, a palavra da mulher “est sans conséquence [...] elle ne s’insère pas dans l’histoire”; a escrita e o livro, ao contrário, “entrent dans l’histoire”.<sup>1</sup>

#### Nota

<sup>1</sup> Winfried SIEMERLING, 1994.

#### Referência bibliográfica

SIEMERLING, Winfried. “The Visibility of the Utopian Form in the Work of Nicole Brossard.” In: SIEMERLING, Winfried. *Discoveries of the Other*. Toronto: University of Toronto Press, 1994. p. 173-204.

Ana Lúcia Silva Paranhos ■  
Université de Nantes, França